

A Segunda Guerra Mundial e o Antinazismo Hollywoodiano nos Cinemas Aracajuano

Andreza Maynard¹

Resumo

Este artigo analisa a chegada dos filmes que abordavam a Segunda Guerra Mundial, inclusive os antinazistas, aos cinemas aracajuano entre 1939 e 1945. Desde o início do conflito as produções norte-americanas, que haviam incorporado o tema do conflito em suas narrativas, predominavam na programação oferecida pelos cinemas Rio Branco, Rex, Guarany, São Francisco e Vitória. Este aspecto se acentuou com o passar dos anos. E a partir de 1942 começaram a chegar os filmes antinazistas, apresentando com riqueza de detalhes o inimigo em comum entre o Brasil e os Estados Unidos, ou seja, o nazista. Estes filmes ofereciam uma leitura particular, com a visão estadunidense a respeito da Guerra, nas telas.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial, antinazismo hollywoodiano, cinemas aracajuano.



1 Pós-doutora em História pela UFRPE, Doutora em História pela UNESP, Mestre em História pela UFPE, Graduada em História pela UFS. Professora do quadro permanente do Mestrado Profissional em História da Universidade Federal de Sergipe. Professora de História do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe. Membro do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). E-mail: andreza@getempo.org

World War II and Hollywood Antinazism in Aracaju's Cinemas

La Segunda Guerra Mundial y el antinazismo de Hollywood en los cines de Aracaju

125



Abstract

This article analyzes the arrival of films that addressed the Second World War, including the anti-Nazis, to the movie theaters in Aracaju between 1939 and 1945. Since the beginning of the conflict, American productions, which had incorporated the theme of conflict in their narratives, predominated in programming offered by the movie theaters Rio Branco, Rex, Guarany, São Francisco and Vitória. This aspect has been accentuated over the years. And from 1942 on, anti-Nazi films began to arrive, presenting in detail the common enemy between Brazil and the United States, that is, the Nazi. These films offered a private reading, with the American view of the War, on the screens.

Keywords: World War II, Hollywood antinazism, movie theaters in Aracaju.

Resumen

Este artículo analiza la llegada de películas que abordaron la Segunda Guerra Mundial, incluidos los antinazis, a los cines de Aracaju entre 1939 y 1945. Desde el comienzo del conflicto, las producciones estadounidenses, que habían incorporado el tema del conflicto en sus narrativas, predominaron en programación ofrecida por los cines Rio Branco, Rex, Guarany, São Francisco y Vitória. Este aspecto se ha acentuado a lo largo de los años. Y a partir de 1942, comenzaron a llegar películas antinazis, presentando en detalle al enemigo común entre Brasil y los Estados Unidos, es decir, el nazi. Estas películas ofrecían una lectura privada, con la visión estadounidense de la guerra, en las pantallas.

Palabras clave: Segunda Guerra Mundial, antinazismo de Hollywood, cines de Aracaju.

A história relatada ultrapassa a ficção e revela a existência de uma vasta rede de espionagem contra as forças militares, aéreas e navais dos Estados Unidos. Não sabemos e provavelmente nunca saberemos todos os fatos ...

*Warner Bros*²

No início da década de 1940 o público dos cinemas aracajuanos viu a Guerra chegar às telas. Em número cada vez maior, as películas passaram a abordar o tema do conflito bélico que envolvia países de várias partes do globo. Essas produções vinham principalmente de Hollywood, nos Estados Unidos. Além dos filmes comerciais de longa-metragem, os cinemas também exibiam documentários, cinejornais e desenhos animados que ambientavam suas tramas na Segunda Guerra Mundial.

Muito embora a Guerra tenha sido iniciada em 1º de setembro de 1939, quando as tropas alemãs avançaram sobre o território da Polônia, somente em agosto de 1942 o Brasil, e mais particularmente Aracaju, estabeleceram uma relação direta com a Segunda Guerra Mundial. Refiro-me aos torpedeamentos e afundamento de cinco embarcações brasileiras no litoral entre os estados de Sergipe e Bahia. Em decorrência desse ataque, 652 pessoas morreram³ e o Brasil declarou guerra à Alemanha. Sabia-se a nacionalidade dos autores da ação ofensiva, mas a maior parte dos brasileiros ignorava quais as motivações e de que forma agiam os nazistas

Também em 1942 chegaram ao Brasil alguns filmes hollywoodianos classificados como “antinazistas”. Eles receberam autorização para serem exibidos em todo o território nacional. Mas por razões de logística na distribuição dos filmes, as fitas com os primeiros filmes antinazistas chegaram em Aracaju em setembro de 1942, ou seja, após os torpedeamentos.

Este artigo analisa justamente a chegada dos filmes que abordavam a Segunda Guerra Mundial, inclusive os que eram classificados como antinazistas, aos cinemas aracajuanos entre 1939 e 1945. Durante a realização desta pesquisa foram consultados documentos como jornais impressos *Correio de Aracaju*, *A Cruzada*, *Sergipe Jornal*, *Diário Oficial do Estado de Sergipe*, *Diário Carioca*, revista *A Cena Muda*, leis, decretos, outros documentos oficiais, e os próprios filmes, como por exemplo, “Confissões

2 WARNER; LITVAK, Anatole. *Confessions of a Nazi Spy*. [Filme – vídeo]; Produção da Warner Brothers, direção de Anatole Litvak; EUA, 1939, 1 DVD, 104 min., preto e branco, son.

3 Entre os dias 15 e 17 de agosto de 1942 o submarino alemão U-507 torpedeou as embarcações *Baependy*, *Araraquara*, *Anibal Benévolo*, *Itagiba* e *Arará*, que transportavam 837 pessoas. Destes, 652 morreram, sendo as vítimas militares, civis, homens, mulheres e crianças. Cf. *AGRESSÃO: Documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1943, p. 19.



de um espião nazista” (1939), “Tempestades d’Alma” (1940), “O grande ditador” (1940) e “Ser ou não ser” (1942). Essas fontes registraram informações valiosas sobre a produção, circulação e exibição dos filmes durante o período em que o mundo esteve em conflito.

Ao propor um estudo sobre a programação dos cinemas durante os anos da Guerra, estabeleço aqui um recorte na esfera social na tentativa de entender o mundo que enfrentou as dificuldades de um conflito bélico de proporções mundiais. Adotando os conceitos de “práticas” e “representações” de Roger Chartier (1990), as noções do Paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (1989) e com base na interpretação a respeito da relação entre história e cinema do historiador brasileiro Alexandre Busko Valim (2012), analiso as fontes selecionadas e estabeleço uma leitura a respeito do mundo que vivenciou a Segunda Guerra Mundial.

Nesses dias, sair de casa para assistir a um filme poderia ser encarado como uma atividade de entretenimento, enquanto uma oportunidade de estabelecer sociabilidade, na medida em que as pessoas se encontravam e conversavam, mas esta era também uma forma de se manter atualizado sobre o que acontecia no mundo, a partir de produções que vinham de fora do país, ou das que eram produzidas no Sudeste do Brasil.

Fitas que abordavam Sergipe e Aracaju eram raras, mas existiam. Num momento incomum, tem-se o registro de que a prefeitura municipal de Aracaju havia contratado a Tupi Filme Brasileira, que recebeu a incumbência de registrar a segunda edição dos Jogos de Verão e produzir um filme. O jornal *Folha da Manhã* publicou uma nota informando que “Os 2os Jogos de Verão do Município de Aracaju, que serão levados a efeito, amanhã, na Atalaia Velha, serão inteiramente filmados pela Tupi Film Brasileira, de acordo com o contrato feito entre aquela companhia e a Prefeitura Municipal” (SINCROLÂNDIA. *Folha da Manhã*. Aracaju, p. 2, 4 nov 1939). A película foi exibida na capital sergipana no ano seguinte, no cine Guarany.

A programação dos cinemas poderia oferecer várias atrações. Para se ter uma noção, no dia 6 de agosto de 1940 o cine Guarany anunciava a estreia de um filme da MGM “Parnel Rei sem coroa”, “com Clark Gable e Myrna Loy, numa história de emoção e amor!” e “no mesmo programa, o segundo Jornal da guerra, A Voz do Mundo Nº 40X76 Reportagem especial da guerra, A Bélgica devastada Ataques aéreos. Bombas incendiárias! Batalha naval do Mar do Norte, vendo-se em cena o Royal Oack, porta-avião inglês” (DE CINEMA. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p. 2, 6 ago 1940). Para além da diversão, as notícias sobre o Brasil e o mundo justificavam a frequência a tais espaços. Além da atração principal, o filme comercial de longa-metragem da MGM, a programação incluía uma reportagem que trazia imagens reais que exibiam os efeitos causados pela Guerra na Europa. A mesma programação poderia ser repetida por vários dias.



O cinema era um dos meios de comunicação de massa, ao lado do rádio e dos jornais impressos. Esses eram os canais a partir dos quais a maior parte da população, aproximadamente 60 mil habitantes⁴, informava-se e formulava suas opiniões a respeito dos países envolvidos no conflito. Havia em todo estado uma estação de rádio que funcionava sob o prefixo PRJ-6, era a Rádio Aperipê⁵. Além disso, havia os jornais impressos que circulavam diariamente como o *Correio de Aracaju*, *Sergipe Jornal*, *Folha da Manhã* e *O Nordeste*, dentre outros, e que também noticiavam acontecimentos relevantes sobre o conflito bélico.

Durante a Segunda Guerra Mundial, os aracajuanos tinham a sua disposição cinco cinemas que funcionavam em caráter regular. Eram eles os cines Rio Branco (localizado à Rua João Pessoa, n. 132, administrado por Juca Barreto), Rex (localizado à Rua Itabaianinha, n. 44, administrado por Anísio Dantas), Guarany (localizado à Rua Estância, n. 1080, administrado por Augusto Luz), São Francisco (localizado à Praça Siqueira de Menezes, administrado pela Ordem Terceira de São Francisco) e o Vitória (localizado à Rua Itabaianinha⁶, administrado pelo Círculo Operário de Aracaju). A maior parte desses estabelecimentos estava localizada no centro da cidade.

Eles anunciavam nos jornais impressos sua programação diária com informações como o título dos filmes, o nome da produtora, dos atores, um breve resumo sobre os filmes e também avisos com os horários das sessões e os preços cobrados pelo bilhete. Este poderia variar conforme a atração do dia, o horário das sessões, o prestígio do cinema e até mesmo o assento escolhido pelo público. Em geral os jornais traziam informações apenas sob a forma textual, mas algumas vezes eram acompanhados por imagens na coluna que se destinava a anunciar as atrações dos cinemas aracajuanos. Uma realidade diferente de grandes cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, que diariamente publicavam a programação dos cinemas empregando imagens na página do jornal destinada à divulgação dos filmes.

4 O recenseamento realizado em 1940 contabilizou que Aracaju tinha 59.031 habitantes, enquanto Sergipe tinha 542.326 habitantes. Cf. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Recenseamento Geral do Brasil [1º de setembro de 1940]. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950.

5 Cf. MAYNARD, Dilton Cândido Santos. *Ao pé do ouvido: Sergipe, o Estado Novo e a criação da Rádio Aperipê*. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

6 Funcionava no prédio Pio XI. No mesmo local funcionava a redação do jornal *A Cruzada*, o serviço médico para atendimento dos operários, uma escola e uma biblioteca.



Figura 1: Anúncios com a programação dos cinemas no Rio de Janeiro.



Fonte: CARTAZ DO DIA. Diário Carioca. Rio de Janeiro, p. 8, 3 jan 1940.

Figura 2: Anúncios com a programação dos cinemas em Aracaju.



Fonte: DE CINEMA. Correio de Aracaju. Aracaju, p. 3, 1 dez 1940.

Observando as duas páginas com anúncios de filmes nos jornais *Diário Carioca*, do Rio de Janeiro, e *Correio de Aracaju*, de Aracaju, percebe-se que o primeiro emprega várias imagens para promover os filmes. Por ser uma cidade com dezenas de cinemas, os anúncios ocupam uma página inteira do *Diário Carioca*, que tem 12 páginas no total. Já no caso de Aracaju, os anúncios não chegam a ocupar a página inteira nos jornais que têm em média 4 páginas. Os jornais aracajuano se referiam aos locais de exibição de filme como cinemas, cines e cineteatros.

Com uma estrutura de cineteatro (coexistência de um palco e uma tela na sala onde os filmes eram exibidos), os locais de exibição dispunham de assentos no térreo (chamados de cadeiras, ou poltronas) e pavimentos superiores (conhecidos como balcões, mas também chamados popularmente de “gerais”, ou “poleiros”). Cada cinema contava apenas com uma sala de exibição, que podia receber até 1.200 pessoas por sessão⁷. Mesmo o cine Vitória, que foi inaugurado em outubro de 1943 seguiu a estrutura dos cineteatros já existentes em Aracaju.

Esses momentos de aglomeração e a distribuição dos assentos geraram desentendimentos entre os frequentadores dos cineteatros. Os

7 Essa informação refere-se ao Cine Rex, que anunciou ter esta capacidade em 1940 (Cf. DE CINEMA. Correio de Aracaju. Aracaju, p. 1,17 de fevereiro de 1940).

jornais registraram as queixas dos ocupantes das cadeiras contra o comportamento do público das “gerais”. Estes pagavam um valor menor para ingressar nos cines. Os bilhetes que davam acesso às gerais eram mais baratos, pois estas acomodações eram menos confortáveis e mais distantes da tela. No cine Guarany, por exemplo, em sessão de matinê a poltrona custava 1\$500, enquanto a geral pagava \$800 pelo ingresso. A *soirée*, realizada à noite, geralmente tinha um preço mais alto. A poltrona custava 3\$500, a meia entrada 1\$700 e a geral 1\$100 (SINCROLÂNDIA. **Folha da Manhã**. Aracaju, p.1, 3 jan 1939).

Todos os cineteatros estavam sob a vigilância das autoridades do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda em Sergipe, que tinha a incumbência de fazer cumprir as determinações do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)⁸ no estado. Inicialmente o DIP foi dirigido pelo jornalista sergipano Lourival Fontes e era diretamente subordinado à presidência da república. O órgão não apenas realizava a censura prévia dos filmes estrangeiros, como também chegou a produzir cinejornais e documentários que tinham como objetivo exaltar o Estado Novo e a figura do presidente. No dia 22 de julho de 1942 foi anunciada a exibição do programa “Getúlio Vargas o homem providencial. (D.F.B.)”, um filme que foi exibido no cine Guarany (DE CINEMA. **Correio de Aracaju**, Aracaju, p.3, 27 de julho de 1942).

Reproduzindo uma exigência nacional, as películas exibidas em Aracaju obrigatoriamente passavam antes pela avaliação do DIP. A medida procurava evitar críticas ao regime político e a veiculação de notícias favoráveis a Alemanha, Itália e Japão. A preocupação em cuidar dos filmes exibidos nesse período se tornava crucial, uma vez que o cinema não pode ser considerado apenas uma forma de arte, ele é “antes de tudo, um meio de comunicação e reprodução... pode visar a divulgação de dados variados sem se preocupar com a estética” (ROSENFELD, 2002, p. 33).

O DIP havia estabelecido a obrigação de que os cinemas deveriam executar o Hino Nacional no início e ao fim de suas sessões, bem como manter a ordem dentro das salas de exibição. Cabe lembrar que este também foi o período de vigência do Estado Novo, que preconizava justamente o controle das massas e a ordem social. Mas, no escuro do cinema a população se divertia, aprendia e se revelava. Uma amostra disso é que a execução do Hino Nacional nem sempre era acompanhada do respeito esperado.

Quando as luzes se apagavam, operários, comerciantes, homens e mulheres tornavam-se anônimos e era mais difícil manter o controle absoluto. Nesses momentos não era incomum que se ouvisse “um barulho ensurdecedor, originado de gritos, pateadas e assobios... durante o tempo

8 O DIP estava incumbido de organizar homenagens a Getúlio Vargas, controlar toda propaganda e publicidade de órgãos públicos, além de realizar a censura prévia dos meios de comunicação. Internamente estava dividido em 5 divisões: Divulgação, Radiodifusão, Cinema e Teatro, Turismo e Imprensa (ABREU, 2001).

em que se ouvia nossa maior música” (CINEMAS. *O Nordeste*. Aracaju, p. 1, 26 set 1939).

Essas imposições de ordem social, bem como as resistências às mesmas, foram observadas nas salas de exibição de filmes em Aracaju. Em 25 de fevereiro de 1939 o jornal *O Nordeste* exibiu uma nota que expressava indignação frente ao descumprimento do comportamento esperado durante os anos do Estado Novo. O protesto se dirigia à “Polícia de costumes, contra a falta de educação daqueles que, quando verificam um filme estragado, sem a menor cerimônia, estejam ou não famílias assistindo, fazem batucada ensurdecadora. Ontem, verificamos tal atitude, no cine Rex” (CINEMAS. *O Nordeste*. Aracaju, 25 fev 1939, p.1), reclamava um frequentador em 1939.

Esperava-se que os cinemas estivessem atentos às determinações nacionais quanto à ordem social, à obrigação de executar o hino nacional antes das sessões e também à obrigação de exibir os filmes produzidos no Brasil. O número reduzido da produção nacional, a dificuldade em distribuir as fitas por vários estados e o grande volume de filmes estadunidenses que circulavam no país à época, levava os cinemas do país inteiro a exibirem uma programação que trazia cada vez mais os títulos norte-americanos para os *habitués* dos cinemas. Em Aracaju não foi diferente.

Devido à predominância dos filmes estrangeiros nos cinemas, o governo varguista procurou valorizar a produção nacional. Nesse sentido foi criada uma lei que obrigava a exibição de filmes brasileiros. O decreto n. 21.240, de 4 de abril de 1932 nacionalizou a censura dos filmes e obrigava a inclusão de um filme nacional na programação das casas exibidoras. A lei só entrou em vigor em 1934, porém o seu cumprimento passou a ser mais fiscalizado a partir do trabalho coordenado entre o DIP e os DEIPs.

Apesar de serem raros, quando apareciam nos cinemas aracajuanos, os filmes brasileiros eram exaltados. “Bobo do rei”, filme produzido em 1937 pela Sono Films, foi exibido em Aracaju em 1939. A atração foi apresentada como uma película que trazia “um desempenho formidável dos nossos artistas. Ouvir as nossas músicas, a nossa língua merece especial atenção” (SINCROLÂNDIA. *Folha da Manhã*. Aracaju, p. 2, 29 set 1939). O filme havia sido dirigido por Mesquitinha, nome artístico do ator brasileiro Olympio Bastos, que se notabilizou nos primeiros anos do cinema brasileiro.

Em “Está tudo aí”, filme da produtora Cinédia que também havia sido dirigido por Mesquitinha, exibido pelo cine Rio Branco em 1939, o público aproveitaria mais uma comédia brasileira. Assim como nos filmes estadunidenses, os títulos nacionais também contam com nomes conhecidos pelo público, como Mesquitinha, Flora e Oscarito. O anúncio dos filmes brasileiros exaltavam os nomes dos artistas, fazendo um apelo a um elemento conhecido pelo público. A respeito de “Onde estás felicidade”, ou-



tro filme brasileiro exibido na capital sergipana no ano de 1939, o *Correio de Aracaju* destacava a

admirável interpretação de Alma Flora e Rodoloho Mayer, as primeiras cenas emotivas do cinema brasileiro. A graça de Dycinha Batista... As “bolas” de Grande Othelo... A de Carlos Barbosa! Oscar Soares! Wanda Marchetti e a sinceridade de Nilsa Magradsí fazem deste film uma superprodução brasileira (DE CINEMA. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p.3, 16 de outubro de 1939).

A produção cinematográfica nacional que chegava aos cinemas aracajuanos estava voltada para o gênero da comédia, empregava em suas tramas artistas do rádio e fazia uso das marchinhas de carnaval. Após o Brasil entrar oficialmente na Guerra, a produção filmica nacional exibida em Aracaju se constitui sobretudo dos cinejornais.

Por sua vez, entre 1939 e 1945 as produções hollywoodianas exploraram todas as possibilidades que o conflito mundial oferecia aos grandes estúdios. A Guerra proporcionou os cenários em que se desenrolaram as tramas de romance, ação, drama, comédia e até mesmo os estúdios Disney buscaram inspiração em figuras como Hitler, Himmler e Goering para divertir e ensinar às crianças. Leif Furhammar e Folke Isaksson destacaram que

Walt Disney pôs sua equipe à disposição do Exército para fazer filmes de propaganda, de natureza instrutiva, enquanto mobilizava seus personagens de desenho animado para servir em sátiras antinazistas. Outros diretores famosos continuaram na produção ficcional de Hollywood, mas não eram menos patrióticos em sua obra (FURHAMMAR; ISAKSSON: 1976, pp. 59-60).

Até o Brasil entrar na Guerra, o país mantinha relações diplomáticas com os países que integravam o Eixo e isso permitia a entrada dos filmes desses países. Em 1942 o Brasil já não recebia filmes italianos e alemães. Enquanto isso, as produções hollywoodianas não paravam de chegar. “Regimento Heroico”, produzido em 1940 nos Estados Unidos, foi anunciado pelo jornal *Correio de Aracaju* com a insinuação de que assistir ao filme praticamente equivaleria a estar pessoalmente no local do conflito. A película foi exibida no dia 5 de março de 1941, no cine Rio Branco. O anúncio dizia

Este simpatizado e frequentado cassino será, hoje, transformado em campo de batalha, revolvido pelas granadas, varrido pela metralha, regado pelo sangue de homens valerosos, que odeiam a guerra, como ela deve ser odiada, mas que cumprem o seu dever, defendendo o lar que construíram onde crescem os seus filhos.



“regimento Heroico”, film que recorda toda gloriosa ação das forças expedicionárias norte-americanas nos campos de batalha da França (DE CINEMA. *Correio de Aracaju*, Aracaju, p. 2, 5 de março de 1941).

De fato a produção aborda os percalços de soldados norte-americanos na luta contra os alemães, mas o filme “Regimento Heroico” está ambientado na Primeira Guerra Mundial. Aos poucos a programação dos cinemas aracajuanos passou a apresentar um maior número de filmes sobre conflitos bélicos. Alguns já eram ambientados na Segunda Guerra Mundial, mas a maioria refletiam um discurso de neutralidade dos EUA, a experiência da Primeira Guerra Mundial, ou o esforço de guerra em outros países. No dia 2 de fevereiro de 1942 o jornal *O Nordeste* anunciou que o cine Rex

Apresenta hoje um programa colosso, composto por dois soberbos films, sendo o primeiro a magistral produção de grande evidência GIBRALTAR e o segundo será o vibrante film de aviação “PATRULHA DO CÉU” com os queridos astros John Trend e Marjorie Reynolds vivendo uma empolgante história de aviação que muito se prende ao atual momento que atravessamos (CINEMAS. *O Nordeste*, Aracaju, p. 34 de fevereiro de 1942).

Também no primeiro semestre de 1942 estreou em Aracaju “Um Yankee na RAF”, filme da 20th Century Fox, que trazia como protagonistas dois atores queridinhos pelo público Betty Grable e Tyrone Power. O filme foi considerado um sucesso no Brasil. A revista *A Cena Muda*, editada no Rio de Janeiro e distribuída em todo o país, publicou um comentário com a impressão de Lúcia Avila, uma moradora de Aracaju, a respeito da película. De acordo com ela, tratava-se de

Película de enredo simples e atraente, “Um Yankee na R.A.F.” deixou, em todos que foram vê-la, uma grande impressão; custaremos muito a esquecer a cena verdadeiramente extraordinária da famosa retirada de Dunquerque; cena de realismo surpreendente, dá uma ideia do que se foi esta página sangrenta da guerra atual, que pôs em evidência o valor incontestável dos destemidos aviadores da R.A.F.

“Um Yankee na R.A.F.” mostra a bravura dos pilotos das Forças Aéreas Reais e dos soldados ingleses. É um documento valioso e não poderia vir em ocasião mais oportuna (MANDE TAMBÉM A SUA CRÍTICA. UM YANKEE NA R.A.F. *A Cena Muda*. Rio de Janeiro, 30 jun 1942, p. 6).

Michael S. Shull e David Edward Wilt (1996) mencionaram o aumento da produção de filmes em Hollywood no ano de 1941 como forma de apoio na luta da Inglaterra contra a Alemanha nazista. “Um Yankee na R.A.F.”, que foi produzido em 1941, conta as aventuras de um jovem casal



norte-americano que participava do esforço de guerra na Inglaterra. Ele ingressou na R.A.F. para impressionar a mocinha, que trabalhava como enfermeira.

Eles estavam na Europa lutando para combater os alemães, mas a propaganda realizada nos jornais aracajuanos se deteve mais em destacar os nomes dos atores. Muito embora o comentário de Lúcia Avila, citado acima, enfatize que a forma como o conflito bélico foi abordado no filme impressionou a aracajuana. Enquanto isso, os cinemas das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro já exibiam os primeiros filmes classificados como antinazistas.

Em parte a novidade dos filmes chamados antinazistas ficou por conta do surgimento de um novo tipo nas telas: o nazista. O tema da espionagem já era conhecido pelo público. Mas produções como “Confissões de um espião nazista” inovavam por apresentarem os alemães que faziam parte do Partido Nacional Socialista. De forma pejorativa, esses filmes exibiam o conjunto de características físicas, comportamentais e psicológicas dos nazistas. Assim as películas norte-americanas classificadas como antinazistas ofereciam uma leitura a respeito das particularidades desse grupo político (MAYNARD, 2013, p. 169-170).

Os ambientes, as roupas, os rostos dos nazistas foram explicitamente apresentados aos *habitués* dos cinemas a partir do primeiro filme antinazista a chegar em Aracaju. Produzido nos Estados Unidos, pela Warner Bros, em 1939, “Confissões de um Espião Nazista” foi exibido em 9 de setembro de 1942 no cine Rio Branco. O filme já havia estreado no Rio de Janeiro e São Paulo, em maio de 1942, e chegou a Sergipe pouco tempo depois dos torpedeamentos das embarcações brasileiras.

A imagem a seguir mostra o personagem principal, o agente do FBI Edward Renard (Edward G. Robinson) interrogando Kurt Schneider (Frances Lederer), suspeito de ser um espião agindo a serviço dos nazistas nos Estados Unidos.



Figura 3. Cena do filme Confissões de um espião nazista



Fonte: WARNER; LITVAK, Anatole. Confessions of a Nazi Spy. [Filme – vídeo]; Produção da Warner Brothers, direção de Anatole Litvak; EUA, 1939, 1 DVD, 104 min., preto e branco, son.



Baseado em fatos reais, o filme aborda a ação do agente do FBI Edward Renard (Edward G. Robinson) que havia sido designado para investigar uma suposta rede de espionagem. Ao fim da investigação isso foi confirmado. O líder da Liga Germano-Americana, que organizava a propaganda nazista nos Estados Unidos, membros do partido nazista na Alemanha e um homem desempregado que acabou se tornando um espião nazista participavam da rede de espionagem. Esta foi desmontada e alguns envolvidos chegaram a ser julgados pela justiça norte-americana.

Diferente de tudo o que já havia sido exibido no Brasil até então, o filme era rico em detalhes visuais sobre os nazistas. Várias cenas com imagens verossímilhanes reproduzem os membros do partido nazistas fardados, os ambientes onde eram realizadas as reuniões da Liga germano-americana e o escritório do Ministro da propaganda alemã, Joseph Goebbels. Além da suástica, que aparece com frequência nas cenas em que os nazistas estão presentes, o público também pôde ver os personagens realizando a saudação que era acompanhada pela expressão *Heil Hitler*.

Figura 4. Schlager (George Sanders) numa cena do filme “Confissões de um espião nazista”



Fonte: WARNER; LITVAK, Anatole. Confessions of a Nazi Spy. [Filme – vídeo]; Produção da Warner Brothers, direção de Anatole Litvak; EUA, 1939, 1 DVD, 104 min., preto e branco, son.

136
»»»

Vários jornais registraram com empolgação a estreia de “Confissões de um espião nazista” na capital sergipana. Além das informações habituais, alguns acrescentaram trechos ao texto original para encorajar os *habitués* dos cines a prestigiarem a estreia. O *Correio de Aracaju* afirmou que se tratava de “Uma história emocionante, que chocará a sensibilidade pela sua profunda realidade. O FILME QUE HITLER DARIA TUDO PARA DESTRUIR! Tendo como intérpretes Edward G. Robinson, Francis Lederer, George Sanders e outros” (DE CINEMA. *Correio De Aracaju*, Aracaju, p. 39 de setembro de 1942).

De fato o filme chegou a ser proibido em vários países. O jornal *Folha da Manhã* anunciou o filme afirmando que a produção hollywoodiana iria esclarecer as dúvidas do público sobre a Guerra e os nazistas. O periódico dizia

Que sabe você dos perigos que ameaçam o Brasil??

Dos perigos que rondam o seu lar ... e que ameaçam a sua segurança pessoal e dos entes que lhe são caros?...

Confissões de um Espião Nazista, o filme que Hitler daria tudo para destruir, lhe explicará muita coisa que você ignora.

Vá assistir hoje no Rio Branco na matinée e soirée.

Jornal brasileiro, 103 Fox Movietone (SINCROLÂNDIA. *Folha Da Manhã*. Aracaju, p. 2, 11 set 1942).

O filme considerado uma influência tão positiva, que o Governo estadual ofereceu uma sessão gratuita de “Confissões de um espião Nazista” para os trabalhadores sindicalizados e para a Força Policial Militar. A ses-

são ocorreu no cine Rio Branco, dia 13 de setembro de 1942 (um domingo), às 9h, podendo inclusive os trabalhadores levarem suas respectivas famílias.

No mês seguinte chegou a Sergipe outro filme antinazista. “Tempestades D’Alma” (1940) era uma produção da MGM que contava a história de uma família alemã que vivia feliz até que Hitler se tornou chanceler (1933). A partir daí uma onda de violência, preconceitos e injustiça passou a ameaçar não apenas a Alemanha, mas também a família do professor universitário Rooth, que foi completamente destruída à medida que o nazismo avançava.

Figura 5. Professor Rooth comemorando seu aniversário com a família e dois amigos



Fonte: MGM; BORZAGE, Frank. *The Mortal Storm*. [Filme – vídeo]; Produção da MGM, direção de Frank Borzage; EUA, 1940, 1 DVD, 100 min., preto e branco, son.

Em 28 de outubro de 1942 a *Folha da Manhã* anunciou “Tempestades D’Alma”, como uma “monumental película da Metro com o desempenho dos famosos astros Margarete Sullavan, James Stewart, Robert Young, Franc Morgan e outros” (SINCROLÂNDIA. *Folha da Manhã*. Aracaju, p. 2, 28 de outubro de 1942).

O anúncio do filme “O espia submarino” feito pelo *Correio de Aracaju*, afirmava se tratar de uma atração antinazista e que esta era uma produção que trazia “em flagrante todo o heroico e horripilante drama da guerra atual nos mares!!!” (DE CINEMA. *Correio de Aracaju*. Aracaju, p. 3, 14 out 1942). Tratava-se uma narrativa que envolvia os temas da guerra, de espionagem e de submarinos. Mas o filme britânico, de 1939, estava ambientado no contexto da Primeira Guerra Mundial.

Ainda em 1942 estreou “O Grande Ditador”, no dia 9 de dezembro, no cine Guarany. O jornal *Folha da Manhã*, de 7 de dezembro de 1942 publicou uma imagem do filme. Algo pouco comum, pois os jornais aracajuanos não traziam muitas imagens relacionadas a promoção dos filmes. A seguir é possível ver o cartaz empregado na divulgação do filme.

Figura 6. Cartaz do filme “O Grande Ditador”



Fonte: SINCOLÂNDIA. Folha da Manhã. Aracaju, p. 4, 7 de dezembro de 1942.

Apesar de ser um artista conhecido e apreciado pelo público aracajuano, os jornais não fizeram alarde com a estreia de “O grande ditador”. O filme é ambientado na Segunda Guerra Mundial, apresenta os nazistas, mas o faz empregando elementos cômicos, diferente da forma séria e dramática com a qual os filmes “Confissões de um espião nazista” e “Tempestades D’Alma” abordaram o mesmo assunto.

O tema da Guerra continuou se tornando recorrente na coluna que apresentava a programação dos cinemas. O filme “Um louco entre outros” foi exibido em Aracaju em 1943, tendo sido definido como “o romance mais maluco do ano! Simplesmente Infernal! Ele cai dos céus escapando aos Eixos... ela adere a sua tática ... e ambos deixam de tanga um coronel nazista! Não deixem de ver isso no filme ‘Um louco entre loucos’” (VITÓRIA. *A Cruzada*. Aracaju, p.4, 23 abr 1943). As referências aos “Eixos”, “tática” e “coronel nazista” dão pistas sobre a imersão dos temas e vocabulário vigentes durante o conflito.

As resenhas dos filmes eram enviadas pelos cinemas para serem publicadas nos jornais aracajuanos e assim atrair o público às salas de exibição, mas os jornais poderiam acrescentar ou suprimir partes do texto original. O filme “Nas assas da Glória” seria exibido no cine Vitória e a censura indicava que “A ação deste filme transcorre no ambiente de uma base de instrução situada nas vizinhanças do Panamá. Possui passagens de emoção. É filme que pode ser assistido por todos menos crianças” (FILMES CENSURADOS. *A Cruzada*. Aracaju, p. 4, 23 abr 1943). O jornal *A Cruzada* era católico e tinha um perfil mais conservador, isso se refletia inclusive na avaliação dos filmes. Mais uma vez o tema da Guerra foi apresentado, desta vez se referindo a instrução aérea numa base próximo ao Panamá.

Os filmes apresentavam a Guerra e o mundo aos aracajuanos. Títulos como “Intriga da China” (exibido em Aracaju em 1939), “Gibraltar” (exibido em Aracaju em 1942), “Lanceiros da Índia” (exibido em Aracaju em 1944) aludem à preocupação estadunidense em apresentar o mundo nas telas. Os países eram descritos em meio à Guerra, situações que envolviam práticas de espionagem, ou as atividades de soldados estadunidenses heroicos que abriam mão do conforto do seu lar para lutar pelo estabelecimento da paz e da civilização, seja a bordo de um submarino, ou de um avião.

“Ser ou não ser”, filme da MGM, produzido em 1942, foi apontado pela censura do jornal *A Cruzada* como “uma sátira tremenda aos homens impolutos da Gestapo ao mesmo tempo que exalta quase que até à vibração o patriotismo dos filhos da Polônia. É uma comédia que diverte e muito ensina” (FILMES CENSURADOS. *A Cruzada*. Aracaju, p. 4, 23 abr 1943). A indicação de filmes que apresentam o dia-a-dia da Guerra passa a ser cada vez mais frequente nos jornais.

“Lanceiros da Índia”, por exemplo, foi anunciado no jornal *A Cruzada* de 17 de setembro de 1944 como uma produção que traria “A Índia em toda sua beleza bárbara e exótica!” e também “A pompa magnífica do palácio dos rajás e a magia da natureza selvagem! E neste cenário, o heroísmo de um punhado de soldados empenhados na luta pelo progresso e pela civilização!” (FILMES CENSURADOS. *A Cruzada*. Aracaju, p.3, 17 set 1944). Nesse caso os soldados se batiam não apenas contra os estragos causados pelos países do Eixo, mas também pelas trevas decorrentes da ausência da civilização. O cine Rio Branco também apresentava um filme que envolvia o tema da Guerra e dos nazistas, tratava-se de “O Martir”, “da United. Filme apresentado pela sra Roosevelt. História de um pastor protestante perseguido pelos nazistas. Cenas de intensa emoção e por vezes brutais. Cotação: aceitável para adultos” (FILMES CENSURADOS. *A Cruzada*. Aracaju, p.3, 17 set 1944).

Nesse mesmo dia foi anunciado que em breve chegaria a Aracaju o filme da Paramount “Cinco covas no Egito”. O jornal informava os nomes dos atores, oferecia um breve resumo e também indicava o público ao qual se destinava. “Franchote Tone, Eric Von Stoheim e Anne Baxter. A campanha norte-americana. As primeiras vitórias e a derrota de Rommel. Filme anti-nazista. Boa direção e excelente desempenho. Sequências emocionantes. Cotação: Aceitável para adultos” (FILMES CENSURADOS. *A Cruzada*. Aracaju, p.3, 17 set 1944).

Desse modo, percebe-se que os cinemas aracajuanos à época da Segunda Guerra estavam tomados pelos filmes produzidos em Hollywood. Estes se encarregavam de trazer as últimas novidades que circulavam no mundo, seja num recurso diferente como o filme em cores, os que traziam os atores preferidos, ou aqueles que abordavam temas mais recentes, como os filmes de guerra e os antinazistas.



O conflito mundial invadiu todos os gêneros cinematográficos produzidos em Hollywood. Assim, era possível assistir a um drama, romance ou comédia ambientados na Europa devastada pela Guerra, que envolvessem soldados norte-americanos pilotando aviões, ou conduzindo submarinos para salvar o mundo. Acompanhando recomendações oficiais e graças à febre por produções hollywoodianas, os cinemas apresentavam a Guerra e os nazistas sob a ótica norte-americana.

Em outras palavras, a Segunda Guerra Mundial a partir dos cinemas aracajuanos oferecia ao público local uma explicação sobre vários aspectos do conflito, inclusive dos nazistas, que eram apresentados como um inimigo ardiloso e sem caráter. Mas os filmes também transmitiam uma mensagem com o triunfo norte-americano na indústria cinematográfica e um discurso de legitimação do poder econômico, bélico, cultural e político dos Estados Unidos.

Havia a noção de que o cinema influenciava o público. Era o caso dos filmes antinazistas, que eram considerados uma influência positiva. Apesar de ser um filme produzido nos Estados Unidos, havia uma convergência de interesses entre o Brasil e os Estados Unidos, na medida em que os países tinham um inimigo em comum, ou seja, os nazistas. Restava aos cines e ao público aracajuano aguardar a chegada de novas fitas e torcer pela vitória dos países Aliados contra o Eixo nos campos de batalha.



Referências Bibliográficas

- ABREU, Alzira Alves de...[et.ali] *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (Pós 1930)*. Rev. Amp. Atual. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001. v.1.
- BENAJMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet; pref. Jeanne Maria Gagnebin. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Obras escolhidas; v. 1).
- BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, O ofício do historiador*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- CHARTIER, Roger. À beira da falésia: *a história entre incertezas e inquietações*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuel Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 Artes de fazer*. 15 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CERTEAU, Michel de. Práticas de espaço. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2 Morar, cozinhar*. 8 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. Trad. Flávia Nascimento. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FURHHAMMAR, Leif; ISAKSSON, Folke. *Cinema e Política*. Trad. Julio Cezar Montenegro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e História*. Trad. Frederico Carotti. 2 reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.p.143-275.

GOMES, Paulo Emílio Sales. *Cinema: trajetória no subdesenvolvimento*. São Paulo: Paz e terra, 1996.

KRACAUER, Siegfried. *O ornamento da massa: ensaios*. Trad. Carlos Eduardo Jordão Machado, Mrlene Holzhausen. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111 - 154.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Papirus, 2006.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. *De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)*. 220 páginas. Tese de Doutorado em História. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis-SP, 2013.

MAYNARD, Andreza S. C.; Maynard, Dilton C. S. *Dias de luta: Sergipe durante a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. *Ao pé do ouvido: Sergipe, o Estado Novo e a criação da Rádio Aperipê*. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

MELINS, Murilo. *Aracaju romântica que vi e vivi: Anos 40 e 50*. Aracaju: UNIT, 2000.

MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil: A penetração cultural americana*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

PRADO, Maria Ligia Coelho. Ser ou não ser um bom vizinho: América Latina e Estados Unidos durante a Guerra. In. *Revista USP*. São Paulo. Junho-Agosto, 1995. p.52 -61.

REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ROSENFELD, Anatol. *Cinema: arte & indústria*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCWHARTZ, Vanessa R. *O cinema e a invenção da vida moderna*. 2 ed. Trad. Regina Thompson. São Paulo: Cosac Naify, 2004. P.95-123.

SHULL, Michael S.; WILT, David Edward. *Hollywood war films, 1937-1945: An Exhaustive Filmography of American Feature-Length Motion Picture Relating to*



World War II. Jefferson, North Carolina: McFarland & Company, Inc., Publishers, 1966.

TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da segunda guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. XAVIER, Ismail (org). *O cinema no século*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

URWAND, Ben. *O pacto entre Hollywood e o nazismo: como o cinema americano colaborou com a Alemanha de Hitler*. Trad. de Luis Reys Gil. – São Paulo: LeYa, 2019.

VALIM, Alexandre Busco. História e cinema. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro, 2012.

